

15 JAN 1998

NOSSA OPINIÃO

O GLOBO

Busca de qualidade

É um teste de paciência tão infalível quanto o Natal e o Ano Novo: para os pais aflitos, começo de ano é tempo de briga para matricular os filhos. Filas se formam à porta das escolas, onde famílias chegam a dormir na calçada.

As queixas também se repetem: os que batem à porta dos colégios particulares, reclamam das taxas exorbitantes; os que buscam a rede pública, se queixam das filas e do mau atendimento.

A primeira vista, parece que não existem vagas suficientes para quem quer estudar: haveria um déficit no ensino público obrigando os pais a correrem para que seus filhos não sejam excluídos. E uma fuga das escolas particulares, onde as mensalidades não param de subir, para as redes estadual e municipal. Mas o problema não é esse. As filas só crescem na porta dos bons colégios públicos. Prova disso é que, enquanto certos estabelecimentos vivem dias de tumulto, às vezes no quarteirão vizinho a situação se inverte: há um colégio entregue às moscas.

Isso não torna a situação menos grave para quem depende do ensino público. Não poder matricular os filhos numa boa escola equivale, na prática, a lhe negar estudo.

É por isso que os colégios públicos de qua-

lidade têm sempre matrícula tumultuada. É o que acontece no Centro de Educação Integrada de Quintino, uma das escolas públicas de maior prestígio do Rio. No início do mês, mais de duas mil pessoas se reuniram na porta do colégio, na Rua Clarimundo de Melo. Apenas 663 conseguiram inscrever seus filhos nas turmas da quinta à oitava série do Primeiro Grau.

É fácil entender a razão da procura e do desespero dos pais. O CEI é a única escola da rede estadual que oferece ensino profissionalizante para o Primeiro Grau. E tem piscina, quadras e campo de futebol.

O que o Ministério da Educação tem a fazer é investir na melhoria do ensino. Só construir salas de aula não resolve; é preciso aprender a utilizar melhor as que existem.

De certa forma, a solução está à mão: basta investigar o que pais e alunos buscam nas boas escolas. Ou seja, o que dá certo na própria rede pública. A existência de bons equipamentos — especialmente computadores — conta pontos. Uma boa diretoria também: é ela que administra os recursos existentes.

Colégios afinados com as condições financeiras das famílias e com as realidades do mercado são inevitavelmente disputados. E não é preciso encomendar pesquisa para saber onde os melhores professores estão lecionando.

**As filas
só crescem
na porta dos
bons colégios
públicos**

OUTRA OPINIÃO

Tarefa de todos

ANA GALHEIGO

O problema da educação brasileira não é de falta de vagas nas escolas, mas de falta de acesso às escolas de qualidade. É legítimo os pais buscarem a melhor escola para seus filhos, o que, muitas vezes, leva-os a dormirem em filas. As escolas de excelência são importantes como pontas-de-lança do sistema. Abrem caminhos, apresentam novas perspectivas, não permitindo que o sistema se nivele por baixo. Mas o fortalecimento da escola pública, em cada bairro, em cada comunidade, é condição tácita para a sobrevivência da democracia no mundo globalizado. É por isso que a

Secretaria de Estado de Educação optou, em 1997, por começar a trabalhar a questão da qualidade pela reforma administrativa, que teve como linha mestra a descentralização apontando para a autonomia da escola.

O fortalecimento da gestão da escola foi didaticamente preparado, começando pela autonomia financeira que está possibilitando a cada unidade promover a organização comunitária para discutir como cuidar da manutenção da escola, como investir em compra de recursos tecnológicos, como investir em capacitação, enfim, começar a resgatar sua auto-estima.

Este ano será dedicado ao desenvolvimento da autonomia pedagógica. Autonomia pedagógica significa dizer que cada escola, de acordo com as suas peculiaridades, deve criar o seu projeto pedagógico, buscar os seus modelos, as suas teorias, enfim, os seus caminhos para chegar aos resultados que a sociedade deseja.

A autonomia da escola não prescinde da organização do sistema educacional como um todo. São normas do sistema educacional para todas as escolas os mesmos parâmetros curricu-

lares, o mesmo sistema de avaliação, o mesmo sistema de matrículas. É papel do Estado ser equânime na distribuição de recursos, sejam eles financeiros, materiais ou humanos e, distribuindo-os, cobrar resultados.

A primeira medida que a secretaria está tomando é o estabelecimento de novas diretrizes para avaliação, como o término da aprovação automática, com o estabelecimento da avaliação externa da escola e com a realização da Semana de Discussão da Qualidade da Educação.

É preciso que a sociedade tome conta da escola. É com o envolvimento de todos — alunos, professores, pais ou responsáveis, comunidade e da própria secretaria, por meio das coordenadorias regionais — que sairão os caminhos para uma educação de qualidade.

Outras medidas estão sendo tomadas do ponto de vista da organização da população e do sistema. As escolas estão organizadas em torno de uma escola pólo que deverá promover a colaboração e o intercâmbio pedagógico entre as demais da sua região. Este pólo pedagógico será dotado de biblioteca, videoteca, de assinatura de revistas especializadas, de coordenador de multimídia e de outros re-

ursos materiais e humanos.

Além das medidas organizacionais, estão em pauta a valorização do magistério, a política de leitura e a modernização da educação. Estas medidas darão suporte à autonomia pedagógica.

Quando São Francisco transformou a sua igreja ele não sabia que estava transformando a igreja. Assim, quando cada escola se transforma, é a educação, é a sociedade, é o país que se transforma. Por isso esta tarefa é de todos.

ANA GALHEIGO é secretária de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

**É preciso
que a
sociedade
tome conta
da escola**
